

Hugo Córdova Quero

12 MITOS

SOBRE AS RELIGIÕES
E A DIVERSIDADE SEXUAL



Hugo Córdoba Quero

12 MITOS

**SOBRE AS RELIGIÕES
E A DIVERSIDADE SEXUAL**

Este documento é um esforço conjunto entre a Rede América Latina e Caribe pela Democracia (REDLAD) e o Grupo de Estudos Multidisciplinares sobre Religião e Incidência Pública (GEMRIP) no âmbito de um trabalho articulado que começou a tomar forma no final de 2016 e que foi materializado através de um acordo assinado em agosto de 2017, cujo principal objetivo é desenvolver atividades conjuntas que possibilitem pontes de diálogo, compreensão mútua, cooperação e ação coletiva conjunta entre organizações da sociedade civil latino-americana e comunidades religiosas, instituições e organizações baseadas na fé (FBOs).

Para ambas as organizações tem sido de vital importância abordar questões que nos últimos anos têm sido complexas para o avanço dos direitos humanos na região, e uma delas é o papel das religiões na esfera pública e nos movimentos de diversidade sexual, LGBTI e gênero.

Agradecemos a Hugo Córdova Quero, autor deste texto e membro do GEMRIP, por contribuir com seus conhecimentos para entender e desvendar um assunto tão complexo quanto este e, sobretudo, para ajudar a demolir mitos em favor da construção de sociedades cada vez mais democráticas, plurais, respeitosas e abertas. Sua contribuição acadêmica foi inestimável nesse caminho proposto por GEMRIP e REDLAD.

Título original: 12 mitos acerca de las religiones y la diversidad sexual

© Hugo Córdoba Quero, 2017

© Red Latinoamericana y del Caribe por la Democracia - REDLAD, 2017

© Grupo de Estudios Multidisciplinarios sobre Religión e Incidencia Pública
- GEMRIP, 2017

© Plataforma Intersecções, 2018

Publicado no Brasil com autorização e todos os direitos reservados.

Capa e Diagramação: Olga Loureiro

Tradução: Flávio Conrado

REDLAD

Calle 69 No. 4-68 Oficina 202 Edificio XUE

Bogotá, D.C. - Colômbia

C.P. 110231

Tel.: (+57) 3838369

comunicaciones@redlad.org

www.redlad.org

GEMRIP

Diretor - Nicolás Panotto

Tucapel Jiménez 56, Depto. 602

Santiago de Chile

C.P. 8340558

director@gemrip.org

www.gemrip.org

Plataforma Intersecções

www.interseccoes.com/evangelicxs

falecomevangelicxs@interseccoes.com



EVANGÉLICKS
JUNTOS PELA DIVERSIDADE

INTRODUÇÃO

Nas sociedades latino-americanas, amplamente marcadas pelo papel que teve historicamente a Igreja Católica Apostólica Romana desde a conquista espanhola e portuguesa, falar de “religião” é sinônimo de falar de «catolicismo» e/ou do «cristianismo». Isto não é mais realidade no século 21, já que existe uma pluralidade religiosa que dá sentido e impacta as vidas das pessoas de diferentes maneiras, sendo a influência da Igreja Católica Apostólica Romana uma entre muitas no cristianismo, e o cristianismo uma religião entre outras presentes no continente.

Enquanto a Igreja Católica Apostólica Romana está enraizada em grande parte da sociedade, muitas outras pessoas confessam sua filiação religiosa de maneiras muito particulares. Há mesmo muitas pessoas que pertencem às Igrejas Católicas que não são romanas, como a Igreja Antiga Católica, a Igreja Católica Independente ou a Igreja Católica Apostólica Brasileira. Existem mais de 600 igrejas católicas — nacionais, independentes, autônomas — e a Igreja Católica Apostólica Romana é apenas uma delas. Mesmo dentro desta há pessoas que pensam de maneiras muito diferentes entre si.

Ao mesmo tempo, há pessoas na América Latina que professam outras religiões diferentes do cristianismo, que, como dito anteriormente, inclui o catolicismo e dentro dele uma igreja em particular que é conhecida como Igreja Católica Apostólica Romana. Há pessoas que são judias, muçulmanas, budistas, hindus, hare krishnas, de religiões de matriz africana, xintoístas ou crenças dos povos indígenas.

Todas essas religiões e crenças têm histórias e percepções da sexualidade que são muito diferentes daquelas que tradicionalmente — em nosso imaginário ocidental — marcam o cristianismo.

A realidade é que tanto o cristianismo — incluindo a tradição católica — como outras religiões não são monolíticas, isto é, elas não têm uma única posição sobre as questões de diversidade sexual. Existem diferentes segmentos em cada religião que afirmam coisas diferentes. É por isto que a coexistência de diferentes posturas afeta as pessoas gays, lésbicas, bissexuais, transgênero ou intersexual — a seguir designadas como LGBTI¹ — de maneiras diferentes. Determinar de maneira homogênea que tal religião é “homofóbica” ou que tal crença “nega os direitos de diversidade sexual” é invisibilizar segmentos dentro daquela religião ou crença que pensam e, conseqüentemente, agem positivamente em relação às pessoas LGBTI.

Proponho abaixo 12 afirmações que se transformaram em mitos sobre a relação entre religiões e diversidade sexual. O objetivo deste material é abrir o diálogo de uma maneira mais real para a imensa pluralidade que existe nesse relacionamento.

¹ Escolhi usar o acrônimo “LGBTI” para designar lésbicas, homossexuais, bissexuais, transgêneros e intersexos, pois é a terminologia mais conhecida na América Latina. Também escolhi usar o termo “pessoas da diversidade sexual” no mesmo sentido em que o termo *queer* é usado na língua inglesa com o objetivo de marcar a fluidez da sexualidade e a inclusão de pessoas heterossexuais que não estão de acordo com a ideologia heteropatriarcal e que são parte da dissidência sexual. Embora eu poderia ter usado o termo *queer* porque quer dizer isso, ele é muitas vezes rejeitado e outras vezes desconhecido em nosso continente.



É INCOMPATÍVEL UMA PESSOA SER LGBTI E PROFESSAR UMA FÉ

Não é. Ser uma pessoa da diversidade sexual e professar uma fé não são dois modos de ser incompatíveis. Pelo contrário, são dois modos de ser que fazem parte de nossa humanidade. Os seres humanos são seres sexuais, independentemente se nossa sexualidade é aprovada ou não pelas relações familiares, construções sociais ou pelos discursos religiosos.

Ao mesmo tempo, como seres humanos temos a capacidade de acreditar, seja em uma divindade transcendente ou em valores que nos guiam na vida. Professar uma fé faz parte da nossa humanidade, embora muitas pessoas decidam não fazê-lo. Por isso, é impossível que uma pessoa possa — em liberdade e respeito a si mesma — escolher entre um ou outro aspecto de si mesmo ao decidir exercer o direito de acreditar em uma divindade ou em divindades. Es-

sas decisões são, na verdade, restrições impostas por decisões sociais ou religiosas. São determinados segmentos da sociedade ou de uma religião particular que considera que ser uma pessoa LGBTI e professar uma fé são coisas incompatíveis. Porque se isso é uma parte intrínseca de nossa humanidade, não devemos ser forçados a optar entre uma e outra.

Portanto, reconhecendo esta situação, também devemos afirmar que existem segmentos de nossas sociedades modernas e de todas as religiões que acolhem pessoas de diversidade sexual que professam essa fé. O problema com o qual temos que lidar em nossa vida diária é que tanto na percepção popular como nos meios de comunicação prevalece a visão de que estes termos são incompatíveis.

Ao fazer isso, tornam invisíveis todas essas experiências religiosas das pessoas da diversidade sexual e inclusive que elas ocupam posições de liderança. Existem sacerdotes e ministros, bispas e diaconisas, imãs e rabinas, mestras e líderes espirituais que são parte constitutiva de uma organização religiosa e que são LGBTI.

2

A RELIGIÃO É UM NOVO ARMÁRIO PARA AS PESSOAS LGBTI

Para muitas pessoas, alguns segmentos de diferentes religiões têm sido agentes de discriminação e exclusão, criando uma ruptura interna com sua própria fé ou crenças religiosas. Mas falar sobre qualquer religião como se fosse um todo monolítico não é real. Todas as religiões são compostas de diferentes segmentos que têm percepções e interpretações dessa fé desde lugares particulares. Alguns desses lugares são a homofobia, a lesbofobia ou a transfobia, mas não representam toda a religião, embora o poder desses segmentos na mídia faça parecer o contrário. Mas também há segmentos que falam de lugares como o respeito e a diversidade de todas as pessoas. Pensar que “uma religião” é um armário é errar o alvo da realidade das relações de poder e competição de discursos teológico e de interpretação dos textos sagrados.

No caso do cristianismo e do islã, estamos falando de religiões que combinadas representam mais da metade da população humana. Não é lógico que a metade da população pense de maneira única e homogênea. É irreal. Na verdade, assumindo qualquer religião como se fosse homogênea estamos conferindo aos segmentos hegemônicos das religiões um poder que não representa necessariamente a todas as pessoas que professam essa fé. Portanto, os armários religiosos são invenções de certos segmentos em todas as religiões que se diferenciam de outros segmentos dentro de cada religião que estão abertos à diversidade sexual.

É verdade que muitas pessoas foram feridas e discriminadas por pessoas religiosas. Agora, devido a esta situação é justo culpar toda a religião, todas as pessoas e a(s) divindade(s) daquela religião apenas porque um setor ou pessoa nos feriram? Obviamente, isso seria injusto. Devemos apontar para aqueles que nos feriram e discriminaram, mas se incluímos todas as pessoas nessa situação, terminamos nós mesmos discriminando pessoas que são nossas aliadas nessas religiões. Tradicionalmente, alguns segmentos do ativismo LGBTI têm feito isso, o que tem limitado as possibilidades de forjar projetos comuns com pessoas da diversidade sexual que professam uma religião. Em nosso afã de denunciar aqueles que têm nos ferido ou discriminado, acabamos também discriminando e criando armários ao forçar as pessoas a escolher entre o ativismo LGBTI ou a sua fé. Os discursos totalizantes ou homogeneizadores respondem às mesmas dinâmicas de discriminação, independentemente de quem a elas recorrem.

3

A BÍBLIA CONDENA A DIVERSIDADE SEXUAL

Na América Latina, prevalece uma visão cristã, tanto evangélica como católica romana, que resiste à aceitação da diversidade sexual. Existe uma visão alternativa a respeito?

Tanto a Bíblia hebraica — mal denominada de “Antigo Testamento” — como a Bíblia cristã — mal denominada de “Novo Testamento” — não condenam a diversidade sexual. Na realidade, não existe nenhum texto sagrado em nenhuma religião que condene explicitamente a relação entre duas pessoas do mesmo sexo baseadas no respeito mútuo.

O que existem são interpretações sobre os textos sagrados que obedecem a posturas a favor ou contra a diversidade sexual postuladas por esta ou aquela igreja cristã. Cada texto pode sempre ser interpretado de muitas maneiras, e não necessaria-

mente em sua origem ou intenção dava conta dessas posturas a favor ou contra a diversidade sexual. Isso é algo que atribuímos ao texto na atualidade, atropelando sua intenção original. Lembremos que a ideia de “homossexualidade” como uma identidade e não como atos realizados por duas pessoas do mesmo sexo é algo criado no século dezenove. Não podemos importar esta ideia a um texto escrito há 2 ou 3 mil anos.

O texto talvez mais famoso é o de Gênesis 19 na Bíblia hebraica, onde as cidades de Sodoma e Gomorra são destruídas por Deus. Desde muito cedo na história do judaísmo e do cristianismo esse texto foi entendido como um castigo de Deus sobre estas cidades por não cumprir o mandato de amparar e proteger os estrangeiros. Em nenhum momento — até a Idade Média europeia — foi associado à diversidade sexual. Foi no século doze que um erudito cristão chamado Pedro Damián escreveu um livro que pela primeira vez associava o desejo de pessoas por outras pessoas do mesmo sexo como o motivo do castigo divino narrado em Gênesis 19. Esse momento coincidiu com uma crescente intolerância na Europa medieval não só contra pessoas que hoje chamamos LGBTI mas também contra a comunidade judaica, os que sofriam de hanseníase — anteriormente conhecida como “lepra” — e contra os que exerciam a prostituição, especialmente as mulheres. Até esse momento, as pessoas LGBTI não eram perseguidas. Ao contrário, em muitas civilizações antigas — incluído o Império Romano — e durante o primeiro milênio do cristianismo, a diversidade sexual era considerada de maneiras muito diferentes das que conhecemos em nossos dias. A

partir do século doze o termo “sodomia” passou a ser um “pecado” e quem tinha relações com outras pessoas do mesmo sexo começou a ser perseguida.

Outras passagens também conhecidas da Bíblia hebraica tais como Deuteronômio 23.17 e 1ª Reis 14.24 — relacionadas com a chamada “prostituição cúltica” — e Levítico 18.20 e 20.13 — relacionadas com as “leis de pureza” — devem ser analisadas em seu próprio contexto. No caso da prostituição cúltica — a relação sexual com um sacerdote ou uma sacerdotisa para alcançar a divindade —, a proibição está relacionada com práticas religiosas que foram consideradas “idolátricas” pela religião oficial de Israel, e que não deviam ser permitidas².

Por outro lado, as “leis de pureza” eram necessárias para garantir o modo pelo qual o povo de Israel devia adorar ao seu Deus. Como a “pureza ritual” se opunha à “contaminação” com as práticas religiosas fora do contexto deste povo, estes textos não se referem a uma proibição de relações entre pessoas do mesmo sexo mas a práticas idolátricas externas ao contexto religioso hebraico. Usar estes textos separa-

2 Na antiguidade os cultos que hoje chamamos pagãos e outras formas de espiritualidade como o culto a Baal — rival do culto a Yahveh — propunham a relação sexual com sacerdotes e sacerdotisas como meio para alcançar um estado de êxtase e assim se aproximar da divindade. Estes sacerdotes e sacerdotisas que tinham relações sexuais com quem ia aos templos adorar ao seu Deus, exerciam a prostituição sagrada ou também conhecida como prostituição cúltica. O termo *hieros gamos* das religiões de mistério gregas provém da união (*gamos*) sagrada (*hieros*) com o corpo de um sacerdote ou sacerdotisa. Em algumas religiões pagãs contemporâneas como a Wicca Gardneriana, o Grande Rito é precisamente uma relação sexual entre um homem e uma mulher que toda a comunidade assiste para alcançar o momento do êxtase e a união com o divino. Em Israel isto foi proibido e perseguido, daí a proibição de não dormir com outro homem mais por causa da prostituição unida ao culto que pelo fato de se dormir com outro homem. Entretanto a prática perdeu no tempo em muitas outras religiões.

damente, sem relacioná-los e mostrar seu contexto social, histórico e cultural, implica manipular os escritos bíblicos.

Ao mesmo tempo, devemos reconhecer que nos evangelhos, na Bíblia cristã, não encontramos nenhum texto no qual Jesus condene as pessoas LGBTI. Muito pelo contrário, a atitude de Jesus — segundo o testemunho unânime dos evangelhos — é que ele valorizava profundamente o amor para com todas as pessoas, independentemente de sua condição. Por outro lado, outros textos da Bíblia cristã que habitualmente se usam contra as pessoas LGBTI — Romanos 1.26, 27, 1ª. Coríntios 6.9 e 1ª. Timóteo 1.10 — tampouco falam especificamente das relações entre pessoas do mesmo sexo, mas antes sobre situações particulares que transgrediam a ordem social do momento.

Devemos recordar que todo escrito religioso — não só no cristianismo mas também em todas as religiões — é elaborado em um contexto social, histórico e cultural particular. Transplantar este texto deixando para trás seu contexto para usá-lo no nosso — que também é construído com elementos sociais, históricos e culturais particulares — é criar uma desculpa para legitimar a discriminação ou, pelo menos, provocar uma má interpretação desses textos sagrados.

4

HÁ MUITAS TENSÕES E CONFLITOS ENTRE OS DIFERENTES SEGMENTOS DAS IGREJAS CRISTÃS E OUTRAS RELIGIÕES

Creio que os conflitos principais se dão em três áreas:

A) AS DIFERENTES INTERPRETAÇÕES DOS TEXTOS SAGRADOS

Como mencionei anteriormente, os textos sagrados têm muitas leituras, cada uma das quais é uma interpretação que parte de um lugar particular a partir do qual eles são lidos. As disputas no interior das igrejas do cristianismo e dentro dos diferentes segmentos de cada religião se dão pela competição ou conflito entre estas leituras dos textos sagrados. Historicamente, algumas leituras associadas a grupos de poder se

legitimaram como leituras hegemônicas, que também se entendem como a “única verdade”. Isto é irreal porque não existe “uma só verdade” mas diferentes olhares sobre um mesmo fato. O que chamamos de “verdade” é na realidade a visão vencedora nesse jogo de poder das leituras dos textos sagrados. Isto cria conflito entre as partes que lutam para que sua verdade seja a hegemônica.

B) AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DO DIVINO

Cada pessoa dentro de uma religião entende sua(s) divindade(s) de maneiras particulares e de acordo com concepções do transcendente que não necessariamente se iguala à mesma experiência de outra pessoa que professa a mesma fé. Ao mesmo tempo, cada religião viu nas divindades diferentes aspectos a ser destacados. Existem divindades que — em nossos termos humanos — são transgêneras ou bissexuais ou amam a outras divindades do mesmo gênero. Nem todas as divindades encarnam o modelo heteropatriarcal. Mais ainda, existem divindades que num contexto são masculinas e em outro são femininas, como o/a deus/a budista Kuan Yin; ou divindades que mudam o seu gênero de acordo com certos momentos do ano como Logunede, deus/a da religião yorubá, que é seis meses homem e seis meses mulher. Isto coloca em jogo dinâmicas de poder entre os seguidores das distintas religiões pois sua visão do divino não é necessariamente compartilhada por todas as pessoas que professam essa fé.

C) PRÁTICAS PARTICULARES DOS RITOS SAGRADOS

Nem todas as religiões desconhecem o que no século vinte e um conhecemos como “matrimônio igualitário”. Existem

religiões e crenças ancestrais entre as quais as relações do mesmo sexo eram também reconhecidas através de ritos sagrados como entre os xamãs em todos os continentes ou no hinduísmo. A união de pessoas do mesmo sexo no que hoje conhecemos como matrimônio é uma prática tão antigas como a humanidade. Foram séculos de colonização europeia que jogaram por terra a prática desses ritos sagrados, como foi o caso na África, nas Américas ou no sudeste asiático. Por exemplo, nas religiões ancestrais africanas, as sangomas são xamãs nas religiões naturalistas tradicionais que encarnam espíritos. Muitas delas tomam outras mulheres como suas parceiras do mesmo sexo. Isto é perfeitamente aceito pelas pessoas que praticam essa religião porque está autorizado ou é mandado pelo espírito que guia esta líder xamã. Isto desafia a visão colonizada ocidental de que todas as religiões aprovam as uniões do mesmo sexo ou que as consideram uma invenção contemporânea. A realidade é que por milhares de anos as pessoas do mesmo sexo casaram através de ritos em suas religiões muito antes de que o ocidente norte-atlântico irrompesse com a ideia do matrimônio igualitário. Não é um problema da prática mas da visibilização da história desde um lugar descolonizado que resgate essa diversidade já presente em diferentes religiões por milhares de anos.

5

NÃO EXISTEM SEGMENTOS DAS IGREJAS CRISTÃS E DE OUTRAS RELIGIÕES QUE ESTÃO DISPOSTAS A REIVINDICAR A DIVERSIDADE SEXUAL COMO PARTE ESTRUTURAL DAS SUAS CRENÇAS

Sim, existem. Na verdade, há religiões como o budismo ou a umbanda onde o sexual não é um problema. No cristianismo coexistem milhares de igrejas, cada uma das quais entende a fé cristã de maneira própria e particular. Enquanto algumas igrejas, como a Igreja Católica Romana, sustentam um sistema de dogmas que perduram no tempo, outras igrejas, como as Igrejas Católicas Antigas, Luteranas e Anglicanas,

sustentam uma série de artigos de fé que podem ser revisados e atualizados pela comunidade de crentes.

Por causa disso, existem segmentos do cristianismo e de outras religiões que reivindicam a diversidade sexual a partir de seus postulados de crenças ou a partir de suas interpretações dos textos sagrados. De novo, devo esclarecer que a existência destes segmentos — como no caso do budismo, hinduísmo ou das religiões xamânicas — é ancestral. Foi o colonialismo ocidental — com uma visão particular de alguns segmentos do cristianismo — que invisibilizou a existência desses segmentos. Por exemplo, muitas das Igrejas Católicas Antigas permitem que seus clérigos se casem, podem se divorciar e voltar a se casar tanto com pessoas do sexo oposto como com pessoas do mesmo sexo. Portanto, os clérigos podem ser mulheres ou homens de diferentes orientações sexuais ou identidades de gênero. Entretanto, quando os meios de comunicação necessitam de uma opinião da “igreja” — um erro muito comum em pensar que a única igreja que existe no mundo é a Igreja Católica Romana —, vão muitas vezes a um sacerdote ou a um bispo católico romano mais próximo por uma resposta que é negativa em lugar de buscar no amplo espectro de igrejas diversas vozes e posturas.

Talvez a pergunta não deveria ser tanto se há segmentos do cristianismo ou de outras religiões que reivindicuem a diversidade sexual — que sabemos que existem — mas se existe a possibilidade na arena pública latino-americana para que estas vozes possam ser escutadas. Do contrário, seguirá a invisibilização desses segmentos.

6

NÃO HÁ INTERESSES POR TRÁS DA NEGAÇÃO DA DIVERSIDADE SEXUAL COMO PARTE DA HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DE ALGUNS SEGMENTOS DAS VÁRIAS RELIGIÕES

Geralmente, quando falamos de religiões e diversidade sexual pensamos em dois polos opostos. Algo assim como duas trincheiras em uma suposta guerra que já teve múltiplas baixas. Entretanto, esta ideia tão binária sobre a relação entre o religioso e o sexual é, no mínimo, confusa. Isto se deve porque colocamos ambos os campos em uma relação binária em constante tensão que encerra toda possibilidade de terceiros espaços de sínteses, negociação e/ou criatividade. É verdade que para alguns segmentos reli-

giosos, a sexualidade sempre vem acompanhada de uma percepção vinculada a perigo, mas não por ser sexual mas por causa das dinâmicas de poder que a sexualidade contém. Qualquer coisa que se aproxime da sexualidade faz acender todas as luzes vermelhas, e isso fala mais do medo das pessoas e instituições, e da impotência que sentem por perder o controle, que da pertinência ou não do discurso ou da práxis da sexualidade. Ou seja, a sexualidade desafia os mecanismos de poder e controle que estes segmentos religiosos querem manter sobre a vida cotidiana das pessoas.

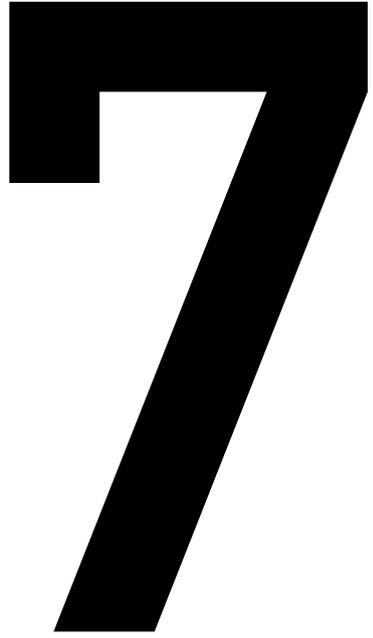
Definitivamente, a sexualidade não tem valor positivo ou negativo. É parte da biodiversidade no planeta que todos os seres vivos foram dotados. Por causa disso, a sexualidade é parte constitutiva de todos os seres humanos. O que aconteceu é que as percepções de determinadas pessoas ou grupos começaram a catalogar a sexualidade de acordo com outros interesses.

Perguntemos, por exemplo, se as pessoas que de maneira tão veemente se opõem a que duas pessoas do mesmo sexo tenham uma relação deixaram elas mesmas de ter uma relação com o sexo oposto. Obviamente que não. O que proíbem é o direito das outras pessoas exercerem sua sexualidade sempre e quando isto não se volte contra quem realiza esta proibição. Aqui nos damos conta de que o problema não é a sexualidade em si mesma mas quem estão autorizados ou não para exercer determinado tipo de sexualidade. O que está por detrás das proibições e invisibilizações da história da diversidade sexual ao longo do desenvolvimento da humanidade são as

concepções e interesses particulares que sustentam essa invisibilização e a necessidade de controle que acarreta o sexual.

Parte do problema tem sido a impossibilidade de controlar os corpos e sua faculdade de sentir gozo e prazer, o que motivou as pessoas a condenar na raiz a sexualidade. Pessoas e instituições podem controlar muitos outros aspectos da vida cotidiana, mas como controlar o prazer? Como controlar o que os corpos sentem? Este é o dilema.

No fundo, é simplesmente uma questão de poder que se legitima em ordens sociais, em ideologias políticas, em mecanismos econômicos através da divisão heterossexual do trabalho ou em concepções particulares sobre o divino. Ao mesmo tempo, é uma questão que cria relações desiguais de poder porque as proibições para com as pessoas da diversidade sexual em sua maior parte não se aplicam às pessoas heterossexuais. Por exemplo, não se diz às pessoas heterossexuais que não há problema em ter um sentimento mas que não devem exercer sua sexualidade, algo que se diz às pessoas LGBTI.



NÃO HÁ COMO COMBATER A DISCRIMINAÇÃO E A EXCLUSÃO POR PARTE DOS SEGMENTOS QUE NÃO ACEITAM A DIVERSIDADE SEXUAL

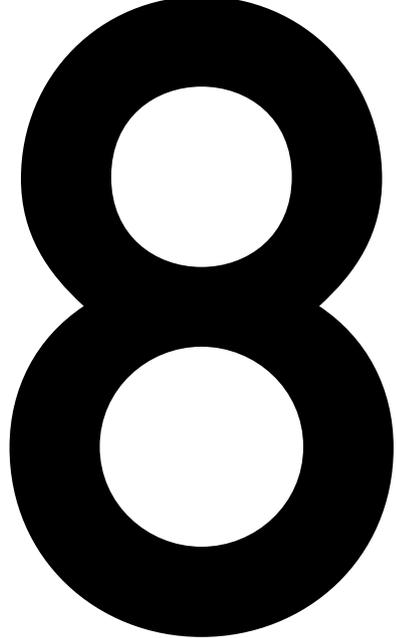
Concretamente creio que haveria duas ferramentas básicas:

a) *Desmantelar a hegemonia de algumas leituras dos textos sagrados*: Como afirmei anteriormente, não existe apenas uma leitura de nenhum texto sagrado em nenhuma religião. Cada texto sagrado tem uma infinidade de leituras e interpretações, algumas das quais podem ser homofóbicas. Seria importante que ativistas LGBTI conhecessem as diferentes posturas sobre os textos sagrados que são utilizadas com frequência para condenar a diversidade sexual a fim de

poder confrontá-las. Muito frequentemente, muitos ativistas optam por desprezar os argumentos religiosos como “obsoletos” ou como “não aplicáveis à realidade”. Nada menos distante da realidade. Os discursos religiosos moldam o cotidiano das pessoas que os sustentam. Não são elementos secundários mas intrínsecos de sua vivência e modo de se posicionar no mundo. Se os menosprezamos como algo “inútil”, estamos reproduzindo uma dinâmica de poder sobre outros que criticamos quando não é aplicada no nosso caso. O que devemos fazer, tanto que possível, é se engajar em um diálogo para mostrar estas outras possibilidades de interpretações. Talvez nem todas as pessoas escutem mas algumas o farão e poderão avançar no processo de diálogo.

b) Desafiar a auto percepção de mandamento divino: Muitas pessoas consideram que repudiam a diversidade sexual por mandamento divino. O certo é que nenhuma divindade mandou, explicitamente, perseguir as pessoas que não são heterossexuais da mesma maneira que não encomendou à humanidade que realize guerras ou deixe as pessoas sem água ou sem alimentos, inclusive que destrua o ecossistema deste planeta em que habitamos. Tudo isso os seres humanos fizeram de maneira unilateral e logo jogaram esta responsabilidade nas costas da(s) divindade(s). Creio que chegou a hora de sermos honestas/os e dizer que são os seres humanos que não aceitam outros seres humanos por alguma razão: cor da pele, classe social, nacionalidade, capacidades ou orientação sexual. Em cada religião existe um princípio comum de que a humanidade foi resultado da intervenção divina. Ao mesmo tempo, existe também a comum afirmação de que nenhuma divindade ordenou um ser humano a cometer injustiça contra outro ser humano. Essa é uma tarefa dos caprichos, necessidade de controle ou de poder ou da obstinação dos seres humanos, não de um mandamento divino.

É importante que o ativismo da diversidade sexual, LGBTI e de gênero conheça mais as dinâmicas do campo religioso antes de menosprezar tudo como se fosse algo alheio a sua realidade.



**EXISTEM TEMAS DIFÍCEIS SOBRE OS
QUAIS O MUNDO RELIGIOSO – EM
QUALQUER RELIGIÃO –
E OS MOVIMENTOS LGBTI,
DE DIVERSIDADE SEXUAL E
DE GÊNERO NÃO PODERÃO
CONCORDAR NESTE MOMENTO**

Sim, há temas que no momento estão sujeitos a debate. Uma questão que se debate entre os segmentos que aceitam a diversidade sexual em todas as religiões é a que se refere às relações conjugais. Parece que estes segmentos têm em mente uma forma de relacionamento que imita as pessoas heterossexuais, que tradicionalmente, mas não exclusivamente, formaram casais de duas pessoas. A realidade é que existem diversas formas de relacionamento

conjugal e de conformação de família entre as quais a família nuclear monogâmica heterossexual é uma criação bem recente, ou seja, ao redor de 1750 EC. Ao longo da história da humanidade as formas de relacionamento foram múltiplas e variadas tanto entre as pessoas heterossexuais como entre as pessoas homoafetivas. Entretanto, muitas pessoas que aceitam a diversidade sexual e não são homofóbicas assumem que as pessoas devem imitar em seus relacionamentos o padrão da família nuclear heterossexual. Qualquer outra forma de relacionamento é negada sob conceitos tais como “promiscuidade”, “falta de compromisso” ou “não sérios”, quando no fundo são simplesmente isso: outras formas de relacionamento. Não necessitam desses juízos de valor baseados na heterossexualidade compulsória. Inclusive alguns movimentos lésbico-gays também têm esta visão do matrimônio igualitário. Isto dificulta a visibilização e respeito a pessoas cuja forma de relacionamento afetivo, conjugal e familiar não se baseia na família nuclear monogâmica heterossexual. Por exemplo, a etnia Mosuo, no sul da China, não tem um conceito de matrimônio. São sociedades matrilineares onde as mulheres tomam as decisões e os homens as acatam. Quando um homem e uma mulher têm relações sexuais podem fazê-las para procriar ou por prazer. Se dessa relação há uma gravidez, o menino ou a menina será criada/o por toda a comunidade e não terá em sua vida ninguém a quem chamar de “pai” porque os conceitos de maternidade/paternidade ocidentais lhe são estranhos.

Deveríamos celebrar o que comunidades, religiões e LGBTI temos conseguido nos últimos 100 anos no ocidente, mas também não devemos deixar de lado os desafios que ainda temos para alcançarmos o pleno respeito de todas as pessoas e suas formas de relacionamento.

9

AS COMUNIDADES RELIGIOSAS NÃO PODEM ACOMPANHAR AS REIVINDICAÇÕES DE MOVIMENTOS E GRUPOS SOCIAIS COMPROMETIDOS COM OS DIREITOS DA COMUNIDADE LGBTI

Um objetivo de todos os movimentos LGBTI, de diversidade sexual e de gênero é a construção de sociedades cada vez mais plurais e democráticas, com base no respeito à diferença. Na verdade muitas comunidades religiosas tanto do cristianismo quanto de outras religiões já estão acompanhando essas reivindicações. No cristianismo, por mais de 50 anos as pessoas da diversidade sexual são ordenadas como clérigos em algumas igrejas cristãs. Ao mesmo tempo, por mais de 70 anos, há um reflexão positiva sobre

teologias sexuais cristãs, sendo as teologias queer sua forma mais visível. Isso é também uma realidade para outras religiões, até mesmo mais antigas como o budismo, o hinduísmo, as religiões xamânicas ou as de religiões de matriz africanas ou asiáticas.

Tudo isso é transmitido para fora dessas organizações religiosas e se transforma em ações concretas em favor da diversidade sexual e acompanha — a partir do compromisso religioso — as reivindicações dos coletivos LGBTI.

Por exemplo, nas marchas de orgulho LGBTI em várias cidades do mundo, encontramos clérigos e leigos do cristianismo e de outras religiões marchando lado a lado com pessoas da diversidade sexual. Mais ainda, muitos clérigos e pessoas de fé participam dela seja por sua homoafetividade ou por sua resistência como heterossexuais aos ditames do heteropatriarcado. Muitas igrejas e religiões casaram pessoas do mesmo sexo em diferentes partes do mundo muito antes de que os ativistas da diversidade sexual, LGBTI e de gênero saíssem a lutar por leis de matrimônio igualitário. O mesmo pode ser dito de leis a respeito da identidade de gênero ou a adoção por parte de família homoparentais.

Quando começamos a perguntar pela história de diversas tradições religiosas encontramos que houve solidariedade e acompanhamento muito antes que existisse inclusive um movimento social da diversidade sexual. O que aconteceu — e isto é o que devemos superar em nosso continente — é a aversão que alguns ativistas sentem pelo religioso e

a invisibilização imposta pelos meios de comunicação, porque uma postura aliada vende menos que uma postura contra a diversidade sexual.

Talvez a pergunta não seria tanto se os segmentos religiosos podem acompanhar as pessoas da diversidade sexual, mas se o ativismo da diversidade sexual e LGBTI reconhece em pessoas de fé que as apoiam aliadas em uma luta comum. Para isso, devemos também reconhecer o dogmatismo que marcou erroneamente na América Latina alguns segmentos do ativismo LGBTI que não reconhecem que muitas pessoas são simultaneamente LGBTI e pessoas de fé. Evidentemente, também há segmentos dentro de tal ativismo que não tem problemas com a questão religiosa, entretanto não são tão conhecidos nos meios de comunicação ou na opinião pública em geral.

10

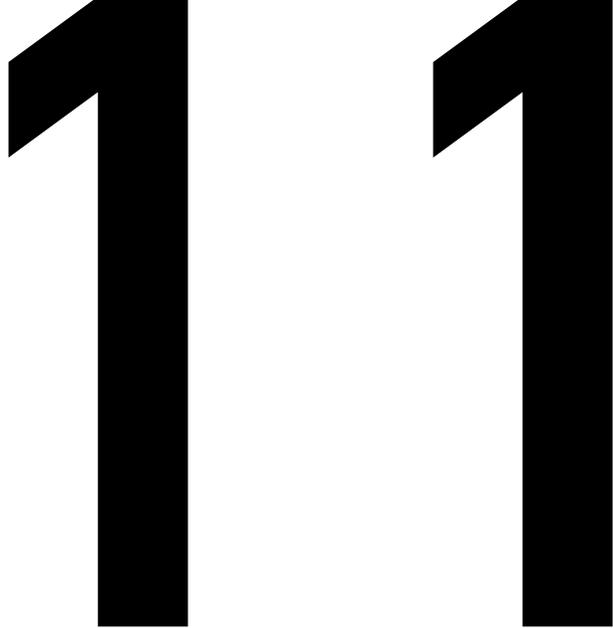
NA PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, E MAIS PARTICULARMENTE NOS TEMAS RELACIONADOS À DIVERSIDADE SEXUAL, AS COMUNIDADES RELIGIOSAS E AS ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL NÃO PODEM TRABALHAR JUNTAS

Em correlação com o que foi exposto no item anterior, muitos segmentos tanto do cristianismo como de outras religiões apoiam a campanha da orientação sexual como um direito humano. Em algumas partes também apoiam a despenalização ou a remoção de

normas de moralidade policialescas que condenam as pessoas da diversidade sexual, como por exemplo as igrejas cristãs inclusivas no Brasil ou Chile. Também muitos segmentos religiosos apoiam leis sobre a identidade de gênero, o direito à cirurgias para adequação do corpo de uma pessoa ao seu gênero ou de acesso à saúde. Por exemplo, o governo da Cidade de Buenos Aires manteve na década de 1990 uma comissão HIV/AIDS da qual participavam algumas igrejas cristãs protestantes e comunidade judaica, que puseram o laço vermelho em seus edifícios no 1º. de Dezembro, Dia Internacional de Luta contra o HIV/AIDS.

Por outro lado, as pessoas de diferentes religiões participaram de comissões de direitos das pessoas da diversidade sexual LGBTI e inclusive advogaram por leis como a do matrimônio igualitário nos países onde ele foi legalizado, tal como no caso da Argentina e Uruguai, onde as igrejas protestantes se manifestaram publicamente pelo apoio às leis que foram votadas em 2010 e 2013 respectivamente.

Os exemplos são múltiplos ainda que na maior parte das vezes sejam invisibilizados. Seria importante que toda reunião de ativismo conte com pessoas de diferentes religiões que também são ativistas a partir de sua fé. Isso jogaria por terra esta suposta luta entre religiões e diversidade sexual.



**OS CONCEITOS TRADICIONALMENTE
ARRAIGADOS NO IMAGINÁRIO
DAS RELIGIÕES BLOQUEIAM O
PAPEL QUE ELAS POSSAM TER
EM AJUDAR AS FAMÍLIAS DAS
PESSOAS LGBTI A LIDAR COM A
QUESTÃO DA DIVERSIDADE SEXUAL,
IDENTIDADES DE GÊNERO E
ORIENTAÇÕES SEXUAIS.**

As famílias das pessoas LGBTI estão em uma posição sumamente importante para valorizar e reconhecer sua dignidade, e tanto as igrejas cristãs inclusivas como os segmentos de religiões que afirmam a diversidade sexual apoiam e acompanham o lugar das

famílias em aceitar e respeitar suas filhas/os que são LGBTI. Baseado em minha trajetória como ministro, creio que há várias maneiras pelas quais uma família pode apoiar suas filhas e/ou filhos.

Talvez a mais imediata seja escutar e respeitar sua decisão de nos contar sobre sua orientação sexual. Isso se chama “sair do armário” e constitui uma das atitudes mais difíceis para alguém que quer assumir diante de sua família sua orientação sexual. Devemos entender que para que uma filha ou um filho “saia do armário” é necessário enfrentar e se sobrepôr a muito medos e muitos tabus herdados do processo de socialização. Recordemos também que a visibilidade social de nossas/os filhas/os quanto a sua sexualidade também repercute em toda a família. Daí que escutar e respeitar esse momento seja sumamente importante. Mas sobretudo recordemos que “sair do armário” é uma questão de possibilidades, não de vontade. Muitas pessoas quiseram “sair do armário” mas por diferentes razões — pessoais, psicológicas, emocionais, econômicas, laborais, entre outras — não puderam fazê-lo. Por isso é importante respeitar o fato de que nossa/o filha/o o tenha feito.

Isso não significa que como mães e pais, e como família em geral, devam se evitar sentimentos de incômodo ou surpresa diante do anúncio. Ao contrário, reconhecer nossas próprias limitações diante daqueles que amamos é também uma maneira de se engajar no diálogo e consolidar nossos laços familiares de uma maneira sólida e honesta.

Ao mesmo tempo, como família nuclear podemos apoiar nossas/os filhas/os ao defendê-los da família estendida, das pessoas do bairro, das escolas, das universidades ou de outras pessoas nos espaços de socialização,

que possam responder com chacotas e com insultos. A dignidade de nossas/os filhas/os vem em primeiro lugar a permitir uma injustiça.

Devemos fomentar o respeito e o tratamento justo, não a discriminação. Se as pessoas do bairro ou outros familiares veem que como mães, pais, irmãs, irmãos, estamos do lado das pessoas gays, lésbicas, bissexuais, transgênero e intersexo, começarão a medir suas palavras e atitudes. Isto também é defender nossas/os filhas/os.

Existem organizações sociais, religiosas e de pessoas LGBTI, que com prazer acompanharão sua filha/o no enfrentamento da vida em sociedade. Não duvidemos em motivá-los a não se fechar em si mesmas/os, mas a sair para o mundo com dignidade.

Tais organizações são vitais tanto para elas/es como para o resto da família. Também existem organizações de mães e pais — e de avós e avôs — de pessoas da diversidade sexual. Estas organizações podem nos acompanhar para responder em amor e respeito a nossas filhas e filhos.

Como disse anteriormente, ser uma pessoa da diversidade sexual não está em contradição com ser uma pessoa de fé. Falou-se extensamente nesta cartilha que existem tanto igrejas cristãs como comunidades de outras religiões que darão as boas-vindas a toda a família para buscar juntas/os o amor na fé que cada um/a professa, mesmo que dentro destas comunidades inclusivas ainda possam acontecer injustiças, já que seres humanos não são perfeitos e erram em muitos aspectos de suas vidas. Confrontar estas situações ao lado de nossas filhas e filhos é também um modo de apoiar e respeitar sua dignidade. Outras pessoas de fé nos acompanharão no processo. Além disso, ainda que talvez silenciosamente, é possível encontrar sacerdotes, pastoras e pastores, ra-

binas e rabinos, imãs e mestres que são parte da diversidade sexual que apoiem, respeitem e deem as boas-vindas a nossas filhas e filhos LGBTI e a suas famílias.

Seguramente sua filha ou filho buscará relacionar-se com outras pessoas LGBTI, sobretudo se é adolescente. Que melhor espaço para que se reúnam que o espaço do lar? A aceitação e o acompanhamento não estão limitados aos que são parte da nossa família, mas também a quem nossas filhas e filhos aceitam como amigas e amigos. Talvez alguma destas amizades esteja sofrendo rejeição ou dor pela reação de sua família: estamos em uma oportunidade importante de demonstrar-lhes que, ainda que seus pais não os aceitem, há outras pessoas que os amam e os aceitam. Não lhes fechemos a porta de nosso lar!

Uma realidade dos seres humanos é que nos apaixonamos e sentimos afeto por outras pessoas. Chegará o momento — se é que já não esteja acontecendo — que nossa filha ou filho buscará esse afeto em outra pessoa LGBTI. É um momento importante para mostrar-lhes que assim como os amamos como filhas e filhos, também sabemos amar a quem elas/es amam. Não ponhamos pressão sobre elas/es de que esta relação deva durar “toda a vida”: o tempo e seu compromisso dirão quão duradoura será a relação — como é o caso em qualquer relação heterossexual. O importante é que, dure o quanto durar, é o aqui e agora o que faz uma pessoa feliz. Acompanhem nossas filhas e filhos em sua descoberta dos aspectos profundos de uma relação, os medos e as preocupações, assim como também as alegrias e a felicidade. É um momento de aprendizagem tanto para elas/ os como para nós.

12

DIANTE DO IMPACTO NA OPINIÃO PÚBLICA QUE OS SEGMENTOS DO CRISTIANISMO E DE OUTRAS RELIGIÕES QUE NÃO APOIAM A DIVERSIDADE SEXUAL CRIAM, AO SE ERIGIREM COMO “VOZES ÚNICAS” DO MUNDO RELIGIOSO, AS IGREJAS CRISTÃS E AS COMUNIDADES DE DIFERENTES RELIGIÕES E ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL QUE ACEITAM AS PESSOAS LGBTI DEVEM SE RESIGNAR À INVISIBILIDADE E AO DESEMPODERAMENTO

Como mencionei anteriormente, não há vozes únicas em qualquer religião mas muitos segmentos com diferentes posições a este respeito. Por causa disso, acho que um das principais estratégias é tornar visíveis as igrejas cristãs e segmentos das religiões que valorizam a diversidade sexual.

Devemos deixar claro, principalmente, que a Igreja Católica Apostólica Romana — que exerceu um poder muitas vezes excessivo em nosso continente — é uma igreja entre outras da tradição católica e é mais uma das milhares de igrejas que compõem a religião cristã. O que esta visibilização faz é se contrapor a esse aparente poder único que o catolicismo romano acredita ter no campo religioso nas sociedades latino-americanas.

Ao mesmo tempo, devemos incluir as vozes dos líderes religiosos que fazem parte da diversidade ou que são aliadas/os das pessoas LGBTI a fim de demonstrar que não existe incompatibilidade entre a diversidade sexual e a profissão de uma fé particular. Para isso, creio que devemos permitir que as pessoas compartilhem sua filiação religiosa nas organizações de diversidade sexual, LGBTI e de gênero.

Durante décadas, as pessoas foram forçadas a deixar sua fé na porta destas organizações. Não podemos continuar fazendo isso no século 21 por dois motivos. Por um lado, porque reproduzimos dinâmicas de poder e exclusão que operam tanto entre os segmentos que não aceitam a diversidade sexual nas diferentes religiões como entre as sociedades contemporâneas. Por outro lado, porque é hora de superarmos nossos traumas com relação ao religioso e deixarmos as pessoas viverem ambas as coisas sem culpa. Forçar as pessoas a escolher entre uma ou outra foi a tática do heteropatriarcado. Nossa estratégia deve ser de não reproduzir essa tática.

Ambas as estratégias não só fortalecerão nosso ativismo mas também farão justiça para com as pessoas da diversidade sexual que professam uma fé e que são muitas vezes excluídas de ambos os espaços.

GLOSSÁRIO

DIVISÃO HETEROSSEXUAL DO TRABALHO

Designa o arranjo tradicional naturalizado onde homens e mulheres respondem a arranjos econômicos e estruturas sociais que conformam grupos de parentesco e família. Neste sentido, por exemplo, os homens são considerados como “provedores da família” e as mulheres como responsáveis por criar filhos e cuidar das atividades domésticas.

EXPECTATIVAS DOS PAPÉIS DE GÊNERO

Refere-se ao desempenho de homens e mulheres de acordo com as estruturas sociais de acordo com sua posição sociocultural e econômica, considerando a divisão predominante do trabalho entre os gêneros. Assim, por exemplo, os homens são considerados «fortes» e «frios» e as mulheres são «fracas» e «emocionais». Essas expectativas abrem estereótipos socioculturais que identificam as pessoas em comportamentos (pré) determinados.

EXPRESSÃO DE GÊNERO

Refere-se aos atributos externos, ao comportamento, à aparência, à vestimenta, entre outros, por meio dos quais as pessoas se expressam e percebem seu gênero.

HETEROPATRIARCADO

É aquele sistema e organização social onde não apenas prevalecem os critérios do machismo, mas que além disso só se entendem como “normais, naturais ou humanas” as práticas sexuais, afetivas, emocionais e românticas realizadas exclusivamente entre homens e mulheres, ou seja, as heterossexuais.

HETEROSSEXISMO

Um sistema de crenças ou cosmovisões que catalogam a sexualidade humana de acordo com estereótipos baseados no heteropatriarcado. O heterossexismo se revela no processo de normalização ou de heterossexualidade compulsória, em que nada que não seja enquadrado no binômio masculino/feminino heterossexual é deixado intacto, mas deve ser mudado, normalizado, desterrado ou demonizado.

HOMOSSEXUALIDADE

O termo “homossexualidade” foi criado no século 19 pelo psicólogo austro-húngaro Károly Maria Kertbeny para designar pessoas que se sentiam afetiva, emocional ou sexualmente atraídas por pessoas de seu mesmo sexo. O que aconteceu com a criação do termo é que se começou a falar de um grupo específico — os “homossexuais” — desde uma perspectiva negativa e medicalizada. Foi nesse momento que surgiu também a ideia da homossexualidade como “doença”. Esta ideia continuou até o ano de 1973 quando a Associação Americana de Psiquiatria deixou de considerar a “homossexualidade” como uma “doença mental”. Hoje em dia o termo é evitado por causa deste transfundo de medicalização e enfermidade.

IDENTIDADE DE GÊNERO

É como se sente a pessoa a respeito de si mesma. É a forma mental e racional que sua consciência interpreta quem se é. Não tem nada a ver com o sexo biológico ou com o papel social que se assigna ao nascer.

LGBTI

Sigla que começou a denominar pessoas não heterossexuais a partir de meados do século 20 e que significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo.

ORIENTAÇÃO SEXUAL

A orientação sexual é a atração emocional, romântica, sexual ou afetiva por outras pessoas. Distingue-se facilmente de outros componentes da sexualidade que incluem o sexo biológico, a identidade de gênero e o papel social do sexo.

SEXO BIOLÓGICO

Corresponde às características físicas e biológicas, à anatomia, que diferencia os indivíduos em nível genital, incluindo órgãos, hormônios e cromossomos. Aqui não existem apenas duas opções, como comumente se pensa. As pessoas intersexo existem.

SOBRE O AUTOR

Hugo Córdoba Quero possui um Ph.D. em Estudos Interdisciplinares em Religião, Migração e Estudos Étnicos e Mestrado em Teologia Sistemática e Teorias Críticas (Feminista, Queer e Pós-colonial), ambos do Graduate Theological Union em Berkeley, Califórnia.

Atualmente é Diretor de Educação Online e Professor Associado Visitante de Teorias Críticas e Teologias Queer na Escola Starr King, do Graduate Theological Union.

Suas áreas de pesquisa são estudos de religião e teologias queer, estudos étnicos e de migração, teorias críticas (feministas, queers e pós-coloniais), estudos culturais e geografia da religião.



Este documento é um esforço conjunto entre a Red Latinoamericana y del Caribe para la Democracia (REDLAD) e o Grupo de Estudios Multidisciplinarios sobre Religión e Incidencia Pública (GEMRIP). No Brasil, foi traduzido e tem apoio da da Plataforma Intersecções e da iniciativa Evangélicxs – Juntos pela Diversidade.

É de vital importância para estas organizações abordar temas que durante os últimos anos se tornaram complexos para o avanço dos direitos humanos na região, entre eles o papel das religiões na esfera pública e dos movimentos de diversidade sexual, LGBTI e de gênero.

